

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO.
CURSO DE PEDAGOGIA.

PLANEJAMENTO, CURRICULAR: UMA PROPOSTA DE ESTUDO
COM OS SUPERVISORES DE SOUSA E CAJAZEIRAS.

CLÁUDIA KATIANY DE ALENCAR
BRASIL PEIXOTO.

CAJAZEIRAS, MARÇO / 1994.

CLÁUDIA KATIANY DE ALENCAR BRASIL PEIXOTO.

PLANEJAMENTO CURRICULAR: UMA PROPOSTA DE ESTUDO COM
OS SUPERVISORES EDUCACIONAIS DE SOUSA E CAJAZEIRAS.

Trabalho apresentado como exi
gência parcial para conclusão
do Curso de Graduação em Peda
gogia-Supervisão Escolar - do
Centro de Formação de Profes'
sores - Campus V - Universida
de Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^ª. Idelsuite
de Sousa
Lima.

CAJAZEIRAS, MARÇO DE 1994.

SUMÁRIO

1. Introdução	02
2. Marco Teórico	04
2.1. Fundamentação Filosófica	04
2.2. Fundamentação Sociológica	04
2.3. Fundamentação Psicológica	05
2.4. Concepção de Currículo	06
2.5. Concepção de Planejamento	08
3. Habilidades Técnicas	10
3.1. Objetivos	10
3.2. Conteúdos	11
3.3. Procedimentos	12
3.4. Avaliação	13
4. Implantação da Proposta	14
4.1. Implicação	14
4.2. Aplicação	14
5. Análise Crítica	15
6. Referências Bibliográficas	17
7. Anexos	19

1.

INTRODUÇÃO

A educação em toda sua trajetória tem sofrido influências político - econômicas - ideológicas centralizando as decisões educacionais nas mãos de poucos, para satisfazer aos interesses da classe dominante.

Com efeito, com a Supervisão Escolar também não foi diferente. Sua criação, com objetivo de satisfazer tais interesses desenvolveu durante muito tempo uma prática voltada para os aspectos técnicos - burocráticos em que o controle era a principal estratégia assegurando assim o papel reprodutor da sociedade capitalista brasileira.

Sendo assim, fica fácil entender por que a Supervisão a nível local também tem seguido o caminho de reprodutora do sistema.

Podemos confirmar tal afirmação através das monografias produzidas pelas alunas concluintes dos períodos 92.1 e 93.1 da UFPB - Campus V - Cajazeiras/PB, onde demonstram que os supervisores entrevistados declaram exercer múltiplas funções, tendo o trabalho da Supervisão um caráter fiscalizador.

A referida pesquisa realizada com os Supervisores que atuam na 9ª e 10ª Regiões de Ensino da Paraíba e nas Secretarias Municipais de Educação de Sousa e Cajazeiras, configurou a ação supervisora e indicou pontos que podem ser objeto de um plano de intervenção na busca coletiva para superação de alguns problemas que atingem a educação e que podem ser trabalhados pela Supervisão.

Dentre vários pontos existentes na prática cotidiana da Supervisão, destaca-se a forma como é trabalhado o Currículo e por

extensão e Planejamento de Ensino no âmbito das escolas.

O Planejamento Escolar da forma como tem sido trabalhado no interior das escolas, quase não apresenta inovação, pois, permanecem as mesmas características autoritárias e manipuladoras próprias do sistema a que a sociedade brasileira está submetida.

Da mesma forma acontece com o Currículo, pois, as fundamentações teóricas acerca do mesmo, são para o desenvolvimento pleno do homem, enquanto que na prática ocorre o contrário.

Sabemos que Currículo é a base vital de todo o trabalho escolar e que o Planejamento contribui para a melhoria da escola, desde que seja trabalhado numa prática coletiva. Esse é o ponto de partida da Proposta de Ação Pedagógica que ora apresentamos.

A referida proposta pretende desenvolver um trabalho educativo respaldado em uma concepção de currículo que forme o educando como pessoa em sua dimensão coletiva, criando espaço para o exercício da cidadania, e numa concepção de planejamento voltada para a participação, para o fazer coletivo e para as decisões colegiadas.

Diante do quadro de abandono, de descrença e desqualificação em que se encontra a escola pública, surge a necessidade de fazer uma escola popular de boa qualidade, revestida de um processo de despertar as consciências para o ser-homem histórico, suas relações ativas com os outros homens, com a realidade física - social e seu compromisso com a coletividade.

Para dar um sentido encadeador da proposta far-se-á inicialmente as abordagens filosófica, sociológica e psicológica, como fundamentações teóricas que respondem à totalidade da ser homem, centro do processo educativo. Em seguida será enfocada a concepção de Currículo e Planejamento, a base fundamental da proposta em questão, e posteriormente, serão abordadas as habilidades técnicas como instrumentais para a sua concretude e finalmente a aplicabilidade e aplicabilidade na sua implantação.

2. MARCO TEÓRICO

A nossa proposta entende a escola como um espaço de democratização do saber, defendendo valores sociais como: cooperação, coletivização e criatividade, dentro de uma visão dialética da sociedade.

O Currículo e o Planejamento para serem consistentes devem ser fundamentados em bases filosóficas, sociológicas e psicológicas pois, abrangem o homem na sua totalidade.

Assim, é nessa pretensão formar um homem cada vez mais conhecedor de sua realidade, para que seja capaz de nela intervir, transformando-a, no sentido de torná-la humana e igualitária.

2.1. FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA.

A fundamentação filosófica considera o homem como HOMEM, um ser de relações em transformação.

Compreende o homem como instrumento de libertação de si mesmo, através da consciência de seu papel histórico transformador adquirido a partir do conhecimento. Formando um homem crítico, atuante, político e desalienado, para agir e transformar o meio onde vive.

Através da superação da alienação é que o homem desenvolve-se em plenitude.

2.2. FUNDAMENTAÇÃO SOCIOLÓGICA.

A fundamentação sociológica preocupa-se com o indivíduo livre e atuante no seu meio social.

Com a divisão do trabalho, surge o homem unilateral, com isso o domínio do saber (cultura) fica exclusivamente destinada às pessoas que compõem a classe dominante.

Para libertar o homem (classe dominada) da fragmentação, da unilateralidade é necessário que ele seja participativo, engajado nas lutas por seus direitos, obtendo assim uma visão de todo.

A nossa proposta compreende o homem como ser unilateral, crítico, onde possa adquirir um nível de conhecimento da realidade da qual está inserido, para que possa atuar na luta pela transformação social.

O homem nesta perspectiva se integra ao meio social através do processo de trabalho coletivo, construindo assim uma consciência coletiva.

É através da consciência coletiva, que o homem torna-se um ser crítico, político, participativo e um agente de transformação constante do seu meio.

O homem só atinge seu pleno desenvolvimento através da superação da alienação. Tal superação ocorre a partir da prática social.

2.3. FUNDAMENTAÇÃO PSICOLÓGICA.

A fundamentação psicológica tem como preocupação o homem engajado nas inter-relações e seu objetivo é fazer com que o homem seja um ser de relações com os outros homens e o seu meio.

É através da relação com o meio que o homem evolui, pois, o homem age sobre a natureza transformando-a, e ao transformá-la, transforma a si mesmo.

O indivíduo interage no meio físico, por isso deve saber relacionar-se, levar em consideração as diferenças, as possibilidades e capacidades existentes entre os indivíduos que compõem o grupo.

As pessoas se confrontam na sociedade por causa das suas diferenças. Diferenças essas que não implicam em condições de desigualdade, mas de superação. Todo homem é possuidor de características e habilidades específicas de cada um. Como afirma MOSCOVICI, tudo depende da maneira de como se vê as coisas.

O ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é a sua condição social e histórica. É através da aprendizagem que define concretamente o indivíduo na sociedade em que ele vive.

2.4. CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO.

Um Currículo é elaborado tendo em vista a satisfação das necessidades imediatas, tanto do indivíduo como da cultura onde ele vive.

Não podemos ser o Currículo brasileiro como simples cópia das teorias e modelos estrangeiros. Temos que verificar o que persistiu dessa transferência, o que foi superado, o que precisa ser mantido e o que precisa ser eliminado. Segundo MOREIRA:

"... para uma produção intelectual de qualidade, os acadêmicos de um país de Terceiro Mundo não podem ignorar o que se elabora no Primeiro Mundo. No caso específico do campo de currículo, temos ainda muito a aprender com países que vêm, há bem mais tempo que nós, discutindo e pesquisando questões relacionadas ao currículo escolar..."

(MOREIRA, 1988)

Como não podemos criar do nada, devemos consultar exemplos de países que estão mais desenvolvidos em relação ao currículo escolar, fazer estudos e descobrir a melhor forma de reelaborá-lo para aplicação de acordo com a realidade brasileira. Moreira reforça tal fato, com base em Cower e assim se pronuncia:

"Embora o campo do currículo no Brasil esteja lutando por uma identidade própria, não nos parece conveniente (nem possível) ignoramos as experiências de outras nações. Não é essa a melhor forma de atingirmos autonomia cultural. Precisamos sim, aprender a receber influências internacionais em termos aceitáveis."

(MOREIRA, 1988)

A concepção de Currículo abordada aqui, pretende formar o homem um ser social de relações, político e crítico, com vista à transformação social.

Assim, o ideal é que se construa na escola um Currículo dinâmico. Esse tipo de Currículo não se fecha, não é estática, está sempre em movimento, pois, na Educação não há nada acabado.

O Currículo dinâmico dialógico, construído coletivamente, origina-se de reflexões críticas, onde os elementos do processo curricular são trabalhados de maneira integrada. Ele é orientado a partir da pedagogia crítico - social dos conteúdos e da pedagogia libertadora.

A cultura erudita e a cultura popular são diferentemente valorizadas pelos autores da pedagogia crítico - social dos conteúdos e pelos defensores da educação popular. Os primeiros privilegiam a cultura erudita e defendem a socialização do conhecimento, os segundos, por outro lado, preferem valorizar o saber popular e utilizá-lo como instrumento de conscientização da situação de opressão das camadas subalternas.

Apesar dos problemas existentes nas duas orientações, pensamos que as mesmas sejam as mais indicadas para a nossa proposta, utilizamos os conteúdos universais, mas introduzindo-os à realidade do educando, fazendo uma ponte, comparando-os à mesma, de forma a despertar o senso crítico de cada um. A citação a seguir de Giroux, reforça o que foi dito:

"Ensino transformativo não se reduz nem a transmissão de conhecimento nem à conscientização. Tudo o que é ensinado e aprendido precisa sê-lo criticamente, o que significa, que conhecimento e conscientização implicam-se mutuamente e não devem ser isolados..."

(GIROUX, 1988)

Nesta concepção de Currículo existe a ligação escola-sociedade, adquirindo assim a explicação e compreensão da realidade, para que a escola possa minimizar, ou mesmo superar os seus problemas.

Para que ocorra essa superação é necessário que o Currículo seja dinâmico - dialógico, flexível, voltado para formação dos indivíduos, para que os mesmos possam agir e contribuir com a transformação da realidade.

Assim o Currículo está ligado diretamente ao papel da escola, que é o de assumir compromissos sociais e políticos com os educandos, pais e a sociedade em geral, para formar cidadãos politizados.

2.5. CONCEPÇÃO DE PLANEJAMENTO.

A concepção de planejamento que defendemos é a do planejamento como prática coletiva, libertadora, democrática, que visa a melhoria da escola; aspira por um outro modelo de sociedade' com vistas à transformação da realidade concreta e objetiva.

O modelo social a que estamos submetidos, ou seja, o sistema capitalista direciona a forma de planejar, já que a educação é um instrumento para atender aos interesses daqueles que têm o poder. Podemos conferir tal afirmação a partir de Calazans:

"Não é o planejamento que planeja o capitalismo, mas é o capitalismo que planeja o planejamento."

(CALAZANS, 1988)

Entretanto pretendemos que esta situação seja superada, pois, o planejamento é caminho para transformação, ou seja, é a possibilidade de ampliar o espaço da escola em função das aspirações da classe dominada; embora este não seja o desejo de quem domina.

Ao iniciarmos um planejamento temos que levar em consideração as concepções filosóficas, sociológicas e psicológicas, ou seja, definir que tipo de homem e de sociedade queremos, na intenção de descobrir o que pretendemos alcançar, onde pretendemos chegar e como caminhar noutra direção, a transformadora. Por isso concordamos com Thiago de Melo, ao afirmar:

"Quem sabe onde quer chegar, escolhe o caminho certo e o jeito de caminhar. "

(THIAGO DE MELO)

No entanto, ao planejar temos que analisar, estudar a teoria que vai nos fundamentar, as implicações da extensão de seus efeitos sobre o processo pedagógico, enfim estudar para formar em nós educadores, um profissional politizado, com uma prática coletiva de qualidade.

Assim o PLANEJAMENTO é o momento em que refletimos sobre as questões educacionais para descobrir as causas dos proble

mas existentes no âmbito escolar, discutí-las, estudá-las, opnar e daí chegar ao efeito e mudar.

Por isso não podemos ver o ato de planejar simplesmente como fabricação de planos, num processo aleatório.

Devemos valorizar, empreender esforços e investir no planejamento coletivo, crítico, reflexivo, enfim participativo para que a Escola Pública transforme-se realmente e venha ter a qualidade tão almejada por todos da classe trabalhadora. Segundo Calazans:

"Se pretendemos mudar o planejamento da educação em tudo o que ele tem de arcaico, burocrata e ditatorial, temos de romper com as idéias (teóricas/metodológicas) eivadas de antagonismo e centralizadas no centralismo burocrático, que autoriza, legitima e impõe o(s) plano(s). É no direcionamento de refutar o velho e construir o novo que poderemos investir num trabalho de planejamento da educação, cujo ponto de partida e de chegada deverá ser a valorização e a democratização da Escola Pública.

(CALAZANS)

Para constrirmos um planejamento numa nova perspectiva, não podemos anular tudo o que antes foi produzido. Para se construir o novo, devemos tomar por base o que já existe e aperfeiçoá-lo.

O ato de planejar visa eficiência e eficácia por isso, o planejamento precisa ser feito de maneira em que haja integração escola - realidade para que seja possível sua aplicação e êxito pois, se planeja para executar e não para engavetar.

3. HABILIDADES TÉCNICAS.

As habilidades técnicas servirão de bases instrumentais para a concretude da nossa proposta nas escolas.

Contribu^m também para o ^{sistematização} aprofundamento e melhoramento do trabalho docente no que se refere a Currículo e Planejamento' escolar; tendo por base a formação do educando como ser coletivo e transformador.

3.1. OBJETIVOS.

Ao planejar temos que saber o que, como e onde queremos chegar.

Os objetivos não são universais, são específicos de cada realidade.

Assim, o Currículo se preocupa com o por quê da seletividade dos objetivos numa perspectiva de transformação política - social - educativa.

É meta principal do planejamento o repensar da prática pedagógica, analisando-o para mudar, transformar.

- Montar um programa de estudos sobre concepções de Currículo e Planejamento com vistas à formação plena do educando.
- Realizar estudos numa concepção de Planejamento voltada para o conhecimento da realidade escolar, para que haja mudança na sistematização do planejamento.

3.2. CONTEÚDOS.

Nessa proposta terá como princípio básico um estudo reflexivo, acerca de Currículo e Planejamento onde buscaremos o embasamento teórico da problemática em questão.

Tal embasamento nos oportunizará reflexões sobre a prática educativa, com vistas e implementação da proposta, para que venha contribuir com o desenvolvimento de uma ação pedagógica comprometida com a transformação social.

TEXTOS	AUTORES	ANEXO
- Eu sei, mas não devia.	- Mariana Colasanti.	01
- Desafio aos educadores.	- Neidson Rodrigues.	02
- O educador necessário.	- Neidson Rodrigues.	03
- Sociedade dos poetas mortos. (filme)		
- Currículo e Programas no Brasil. (livro)	- Antonio Flávio B. Moreira.	04
- Escola Fundamental-Currículo e Ensino. (livro)	- Ilma Passos Veiga e outros.	05
- Planejamento como prática educativa. (livro)	- Danilo Gandim.	06
- Planejamento e Educação no Brasil. (livro)	- Walter E. Garcia e outros.	07
- Avaliação (fita-vídeo)	- Cipriano Carlos Luckesi.	08
- Currículo da escola.		
- Grade Curricular.		

Após os estudos será montada uma nova proposta curricular para a escola.

3.3. PROCEDIMENTOS.

As metodologias utilizadas devem vir facilitar a aplicação da nossa proposta. Consta de fundamentação teórica realizada a partir da leitura e análise de textos, debates, filmes (vídeo), fichamento de livros, exposição dialogadas, apresentação de sínteses dos assuntos estudados através de cartazes e transparências.

Tais estudos serão realizados quinzenalmente.

TEXTO Nº	PROCEDIMENTOS
01	- Leitura, análise e discussão do texto.
02	- Leitura, análise e discussão do texto.
03	- Leitura, análise e discussão do texto.
FILME	- Discussão sobre o tema abordado.
04	- Leitura, fichamento do livro, exposição de síntese em cartolina e debate.
05	- Leitura, fichamento do livro, exposição de síntese em cartolina e debate.
06	- Leitura, fichamento do livro, exposição de síntese em cartolina e debate.
07	- Leitura, fichamento do livro, exposição de síntese em cartolina e debate.
FITA-VÍDEO	- Discussão sobre a temática em questão.

SISTEMATIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO.

- Realizar quinzenalmente estudos que levem a refletir e questionar continuamente a ação - reflexão.
- Renovar a prática pedagógica na escola, através da prática coletiva, para que se torne clara e precisa a organização do que se faz, de sintetizar idéias, realidade e recursos para tornar mais eficiente a ação.
- Compreensão do processo de planejamento como uma prática que sublinha a democracia, a libertação e a participação - mola para a conscientização.
- Elaboração de programas de ensino que atendam aos interesses e necessidades do aluno.
- Preparação de materiais de ensino concreto e adequados aos conteúdos propostos.
- Adequar o processo ensino - aprendizagem à realidade do aluno, para que os educadores tenham um claro conhecimento da realidade para a qual se educa.
- Reflexão constante sobre a realidade para que a mesma seja elemento da promoção do espírito crítico.
- Todas as pessoas que compõem o grupo devem participar de todas as etapas, aspectos ou momentos do processo.

3.4. AVALIAÇÃO.

A avaliação será feita sistematicamente, a partir da observação de participação dos participantes, durante todo o processo dos estudos.

Para aprofundamento dos conhecimentos sobre os temas em questão, ocorreremos a um seminário organizado pelos participantes do curso a cada dois meses, revisando todo o conteúdo estudado.

Este instrumento metodológico e também a mudança de postura dos professores após os estudos, permitirão com mais precisão e clareza avaliar os resultados.

4. IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA.

4.1. IMPLICAÇÃO.

A implantação da proposta enfrentará alguns obstáculos impulsionados pela própria sistemática do trabalho, uma vez que as atividades burocráticas absorvem os profissionais impedindo-os de repensarem suas práticas.

Implica em mobilizar estudos sobre Planejamento e Currículo para reverem a forma como estes são trabalhados na escola. Os professores e supervisores terão que dispor de tempo para dedicar ao estudo e de recursos financeiros disponíveis para preparação do material didático a ser utilizado, além de um grande compromisso dos membros em quererem modificar suas práticas e compreenderem a escola dentro de uma realidade histórica - social.

4.2. APLICAÇÃO.

A nossa proposta embora seja ousada, tem possibilidade de ser implantada nas escolas, apesar das dificuldades existentes.

Considerando que o Currículo e o Planejamento segundo a pesquisa realizada são trabalhados de forma mecânica e isolada do contexto sócio - político - econômico - cultural da clientela escolar, é possível a aplicabilidade da proposta na medida que os educadores se dispuserem a viver suas práticas, trabalharem conjuntamente, definindo com mais clareza os objetivos de seu fazer pedagógico, se predispor a realizar estudos teóricos e exercitar a prática de pensar a prática constantemente.

5. ANÁLISE CRÍTICA.

Avaliar a trajetória do Estágio e conseqüentemente a proposta que ora elaboramos, é avaliar um pouco a nossa postura acadêmica a própria licenciatura que cursamos.

As dificuldades foram várias, dentre elas podemos citar: pouquíssimas fontes para pesquisa; curto espaço de tempo reservado para as leituras e por último nossa lentidão ao ler e fichar os livros; culpa nossa, por não cultivarmos o hábito de leitura e conseqüentemente não aperfeiçoando a nossa elevação cultural, bem como os professores da licenciatura que têm sua parcela de culpa que não visam a formação de qualidade para os educandos (nem todos. Claro!). Um exemplo é o fato dos professores nunca indicar livros para que nós pudessemos ler durante o curso.

O tempo para leitura foi pouco e corrido, mas, mesmo assim as leituras foram proveitosas. As mesmas, despertaram-me (embora forçada...) para leitura, desenvolvendo assim o meu hábito de ler.

O desenrolar do trabalho não foi fácil, por isso, pretendemos que a proposta seja implantada com sucesso. Esperamos que a mesma venha contribuir para a mudança de postura dos professores, como também, na transformação do processo de elaboração do Currículo e Planejamento. Construindo na escola uma ação coletiva de acordo com a realidade escolar e integrada com a sociedade para o desenvolvimento pleno do homem.

A proposta é um desafio e exige competência na sua execução, pois, a maioria das nossas escolas ainda são altamente tradicionais. Por isso não podemos querer implantar a proposta de imediato, tem que ser implantada durante um processo que será desen

volvido de acordo com o grau de interesse de cada um dos participantes do curso.

Meus estudos não param por aqui, pois, o conhecimento é uma produção social e resulta da ação e reflexão, da curiosidade do constante movimento de procura. Então tenho que despertar e caminhar sempre mais, na busca constante para aperfeiçoar meus conhecimentos, para que eu seja um Supervisor Educador.

O desafio maior que ora se coloca à nossa proposta é, que nossa tarefa não é apenas a de realizar e aperfeiçoar nossa elevação intelectual, mas sim, possibilitar que outros homens superem a visão do senso comum do mundo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALVES, Nilda. Formação de Professores: pensar e fazer. São Paulo, Cortez, 1992. (Coleção questão de nossa época).
- CADERNOS CEDES Nº 02, A Formação do Educador em Debate. São Paulo, Cortez, 1989.
- CADERNOS CEDES Nº 13. Currículos e Programas como vê-los hoje? São Paulo, Cortez, 3ª reimpressão, 1987.
- CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. São Paulo, McGrawHill do Brasil, LTDA, 1972.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo, Cortez, 1993. (Coleção questões de nossa época).
- GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação. Um Estudo introdutivo. São Paulo, Cortez, 3ª ed., 1984.
- GANDIM, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. São Paulo, Loyola, 6ª ed., 1991.
- GARCIA, Walter E, e et alii. Planejamento e Educação no Brasil. São Paulo, Cortez, 1990. (Coleção polêmicas ' do nosso tempo; v. 37).
- MARTINS, Joel. Um Enfoque Fenomenológico de Currículo : educação como poíesis. São Paulo, Cortez, 1992.
- MELLO, Guiomar Name de. Magistério de 1º grau: de competência técnica ao compromisso político. São Paulo, Cortez, 7ª ed., 1987.
- MELLO, Guiomar Name de. et alii. Educação e Transição Democrática. São Paulo, Cortez, 3ª ed., 1986.

- MOREIRA, Antonio Flávio B. Currículos e Programas no Brasil. Campinas-São Paulo, Papyrus, 1990. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- RIBEIRO, Maria Luiza Santos. A Formação dos Professores de 1º e 2º graus. São Paulo, Cortez, 1987.
- RODRIGUES, Neidson. Por Uma Nova Escola: o transitário e o permanente na educação. São Paulo, Cortez, 6ª ed., 1987.
- VEIGA, Ilma Passos. A. e CARDOSO, Maria Helena F. Escola Fundamental-Currículo e Ensino Campinas - São Paulo, Papyrus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

"EU SEI, MAS NÃO DEVIA."

"Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobresalto porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz, aceita ler todo dia sobre as guerras de longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir ao telefone: "Hoje eu não posso ir". A sorrir para as pessoas, sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que se deseja e de se necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas o que se compra.

A gente se acostuma a achar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir aos comerciais e ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, ' desnorteado, lançado na inflindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha os pés e o suor no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola nos fins de semana. E se no fim de semana, não há muito o que fazer, vai dormir cedo, e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não ralar na aspereza, para preservar a pele, se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida, que aos poucos se gasta e que gasta de tanto acostumar, se perde de si mesmo.

(MARINA COLASANTI)

"DESAFIO AOS EDUCADORES."

Um famoso filósofo alemão do século passado, Frederico Nietzsche, tece uma crítica radical à civilização ocidental, dizendo que ela educa os homens para desenvolverem apenas o instinto da tartaruga. O que que dizer isso? A tartaruga é o animal que, diante do perigo da surpresa, recolhe a cabeça para dentro de sua casca. Anula, assim, todos os seus sentidos e esconde, também na casca, os membros, tentando proteger-se contra o desconhecido. Este é o instinto da tartaruga: defender-se, fechar-se ao mundo, recolher-se para dentro de si mesma e, em consequência, nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar.

Formar boas tartarugas parece ter sido o objetivo dos processos educacionais e políticos de educação desenvolvidos no mundo ocidental nos últimos anos. Temos educado os homens para aprenderem a se defender contra todas as ameaças externas, sendo apenas relativos.

Ensinamos o espírito da covardia e do medo.

Precisamos assumir o desafio de educar o homem para desenvolver o instinto da águia. A águia é o animal que voa acima das montanhas, que desenvolve seus sentidos e habilidades, que aguça ouvidos. Olhos e competência para ultrapassar os perigos, alcançando vôo acima deles. É capaz, também, de afiar suas garras para atacar o inimigo, no momento que julgar mais oportuno.

As nossas escolas tem procurado fazer com que nossas crianças se recolham para dentro de si e percam a agressividade, o instinto próprio do homem corajoso, capaz de vencer o perigo que lhe apresenta.

Temos criado, neste país, uma geração-tartaruga, uma geração medrosa, recolhida para dentro de si. E estamos todos impregnados por esse espírito de tartaruga. Não temos coragem para contestar nossos dirigentes, para nos opor às suas propostas e

criar soluções alternativas. Agimos apenas de maneira reativa, negativa e covarde.

Temos ensinado às nossas crianças que nossos instintos são pecaminosos. A parte mais rica do indivíduo, que é sua sensibilidade sua capacidade de amar ou de odiar, sua capacidade de se relacionar de maneira arótica com o mundo, tem sido desprezada; Temos ensinado o homem a ser obediente, servil, passivo, incompetente e depositar todas as suas esperanças no poder maior ou no fim das tempestades.

Quando ensinaremos aos nossos alunos que eles não precisam se esconder diante das ameaças, porque todos nós temos capacidade de alçar vôo às alturas, ultrapassando as nuvens carregadas de tempestade e perigo? Temos ensinado às nossas crianças a se arrastar como vermes, e porque se arrastam como vermes, elas se tornam incapazes de reclamar se lhes pisam na cabeça.

O que desejamos, afinal, desenvolver em nós mesmos e nos jovens? O instinto tartaruga ou o espírito das águias?

(Neidson Rodrigues)

"O EDUCADOR NECESSÁRIO."

Essa escola necessária exige um educador necessário para cumprir suas tarefas. Esse educador necessário deve ter algumas características fundamentais.

Em primeiro lugar, ele deve estar comprometido politicamente com a sua tarefa de educador. Esse comprometimento exige que as pessoas tenham consciência da responsabilidade que lhes foi confiada. Não se é educador como se é operário de uma fábrica de automóveis.

O educador não pode julgar que a atividade de educação funciona do mesmo modo que a de um trabalhador de fábrica. Não há como o educador começar a ser educador na hora em que bate o ponto e deixar de sê-lo na hora em que o relógio indica o fim do expediente.

Do educador se exige uma constante ocupação com o ato educativo. Ele tem de ser. É uma questão de ser e não uma questão de situação. Exige-se, portanto, um crescimento dessa consciência política, que se obtém no próprio processo político do trabalho. Essa consciência política não se obtém através de uma verificação da tendência psicológica de alguém ou de um teste psicológico para avaliar a vocação. Mesmo porque as vocações também são históricas e se dão na história.

À medida que o educador, enquanto educador, compreende a importância social do seu trabalho, a dimensão transformadora da sua ação, a importância social, cultural, coletiva e política da sua tarefa, o seu compromisso cresce.

Ninguém é comprometido, politicamente, de uma vez por todas. O compromisso é como um ato de amor, que tem de ser renova-

var diariamente. Na realidade, o ato de educação exige necessariamente uma espécie de renovação diária, do compromisso com o ato educativo.

Em segundo lugar, o professor comprometido politicamente tem de ser tecnicamente competente. A competência técnica se renova da mesma forma que o compromisso político. Nenhum professor está, em algum momento, adequadamente preparado.

Há de se lembrar que a preparação técnica, a ampliação do conhecimento e a atualização exigem um exercício frequente e diário por parte do educador e do sistema no qual ele está inserido. Mas, necessariamente, exigem vontade, desejo, carência do profissional professor.

Aquele educador que se sente comprometido politicamente já está com a vontade direcionada para sua preparação técnica. Não há como preparar alguém para o exercício da função educativa se ele não se encontra, interiormente, comprometido com essa função. Podemos dar-lhe papéis, diplomas, títulos, mas não podemos de forma alguma prepará-lo tecnicamente para o exercício de sua função.

É por isso que a questão do compromisso político é fundamental até para que se possa desenvolver a competência técnica.

Não podemos ter a ilusão de que os professores a partir de um determinado momento estão preparados. Nenhum professor está preparado porque cursou a faculdade ou a universidade, ou porque leu cinco, dez, cinquenta ou duzentos livros, ouviu um determinado número de conferências, participou de uma determinada quantidade de cursos. Estes são instrumentos que podem auxiliar o processo de sua elevação técnica. Em cada momento, temos educadores em níveis diferenciados de preparação. O processo de preparação dos professores, tecnicamente, tem de considerar o ponto de partida em que se encontra esse professor para que se possa elevar sua competência técnica.

Em terceiro lugar, se a escola se pretende democrática, o educador necessário para ela deve assumir, democraticamente, a sua tarefa educativa. Como consequência, ele deve compreender a importância coletiva do seu trabalho. Se não compreende, ou é incapaz de compreender que sua tarefa educativa não se encerra no âmbito de sua disciplina, no período de sua aula e na sua forma de avaliação, ele não vai concorrer para o exercício e para a formação de uma escola e de uma escola e de uma educação democrática.

Há de se advertir aos educandos para compreenderem a importância do trabalho democrático e, portanto, solidário e cooperativo no interior da escola e levá-los a se despirem do individualismo e do egísmo.

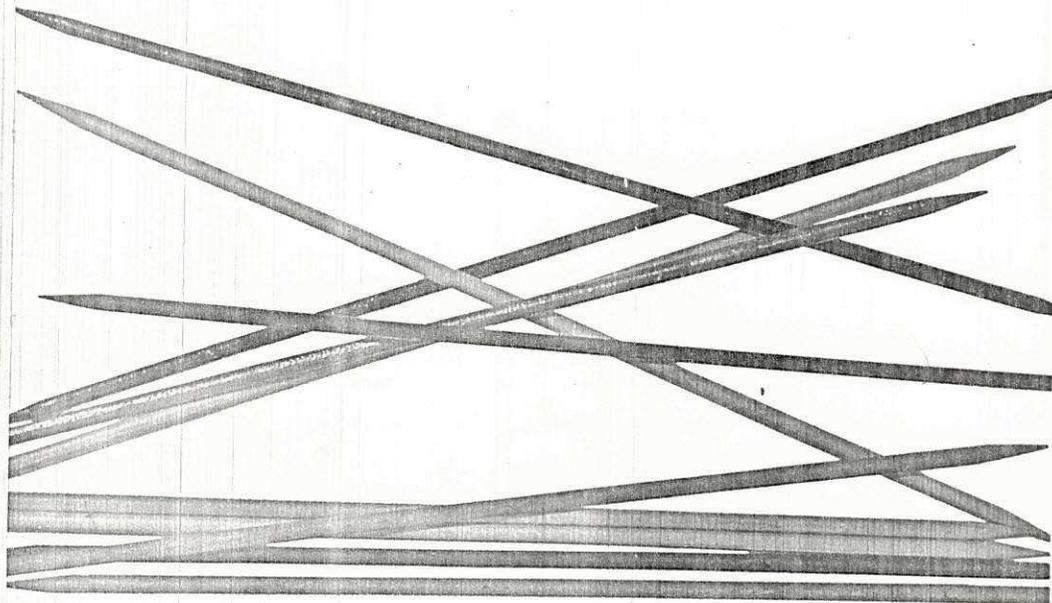
A atividade pedagógica não é solitária; ela é uma atividade solitária. É a totalidade dos atos pedagógicos no interior da escola que concorre para o crescimento e a formação do educador e não a totalidade dos atos de qualquer professor, individualmente considerado.

(NEIDSON RODRIGUES)

MAGISTÉRIO FORMAÇÃO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Antonio Flavio B. Moreira

CURRÍCULOS
E PROGRAMAS
NO BRASIL

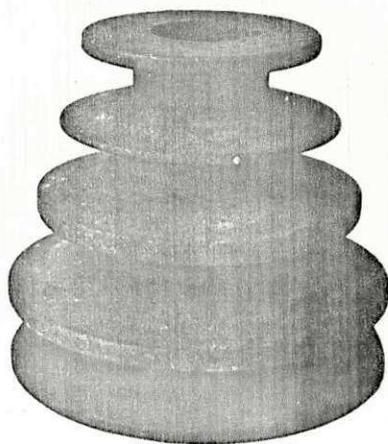


PAPYRUS EDITORA

MAGISTÉRIO FORMAÇÃO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Alma P. A. Veiga
Maria Helena F. Cardoso
(Orgs.)

ESCOLA FUNDAMENTAL
CURRÍCULO E ENSINO



P A P I R U S E D I T O R A

Daniilo Gandin



PLANEJAMENTO

Como Prática Educativa



37

POLEMICAS DO NOSSO TEMPO

ACÁCIA KUENZER
M. JULIETA C. CALAZANS
WALTER GARCIA

Planejamento e
educação no Brasil

 CORTEZ
EDITORA

EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS 